

Ceará



Dona Maria Francisca, agricultora da comunidade

A coragem feminina no Semiárido brasileiro

A história de Dona Maria Francisca dos Santos, 55 anos, moradora do sítio Lagoa dos Crioulos, na zona rural de Salitre, no Ceará, poderia facilmente ser confundida com a de muitas mulheres dos diversos cantos desse Semiárido brasileiro. Agricultora, analfabeta, casada. Mas há algo em dona Maria Francisca que a difere das demais. Desde muito pequena, aos 10 anos de idade ajudava seus pais no roçado. Primeira filha de uma família de 14 filhos, sua infância, não teve “o tempo do brincar” e durante toda sua vida nunca frequentou uma escola como estudante, não sabe ler nem escrever. O mesmo se repete com seu marido, José Emídio, homem simples e amoroso, como ela descreve. Casou-se aos 14 anos e foi morar em “um puxadinho de casa com dois cômodos”. Como ela diz. Lá residem até hoje e têm 11 filhos.



Maria Francisca e seu esposo José Emídio

Dona Maria Francisca não tinha água em casa e a luta por esse líquido precioso fez parte de sua rotina durante muito tempo. “Eu e ele ia pegar água num barreiro, longe de casa, a gente tinha que andar muito. Meu marido trazia no galão e eu com a lata d’água na cabeça, muitas vezes com um menino pequeno no braço”. Nesse momento Dona Maria Francisca faz uma pausa e se emociona ao contar que já teve a água negada e depois de andar muito conseguiram em outro lugar.

“Bichinha eu fiquei com tanta raiva, mais tanta raiva”, que fiz uma jura que se tivesse água em minha casa não ia negar pra ninguém”. Mas diante de toda dificuldade ela sempre pensava positivo e encorajava o marido a acreditar em dias mais prósperos. A preocupação e o cuidado de mãe sempre falavam mais alto e Dona Maria Francisca fazia questão que todos os seus filhos estudassem. “Olha! Era assim. Eu e meu véi acordava às 4 horas da manhã, como é até hoje, fazia o café, dava comida aos meninos e eles iam com o pai pra roça, e eu ficava fazendo o almoço. Depois eu ia também. Quando a gente voltava pra casa, dava banho nos meninos com a água do barreiro que eu tratava com cinza pra matar os micróbios e eles iam pra escola. Quando chegava tomava banho, jantava e ia fazer as tarefas para dormir”. Francês, como Dona Maria é conhecida, enche o semblante de orgulho ao lembrar que nunca recebeu nenhuma reclamação da escola. Seus filhos eram estudiosos e segundo ela o tempo das crianças era dividido entre ajudar os pais na roça e na escola. Talvez aí esteja aquele algo especial que percebemos em Dona Maria Francisca, aquela atenção e cuidado com os estudos dos filhos, a positividade nas suas palavras em acreditar desde muito cedo que sua vida e a de sua família poderia mudar através dos estudos. A vinda da primeira cisterna com os meninos ainda pequenos, com muito esforço e economia. “Foi juntando cada centavo que a gente ganhava na roça.

Como não tinha como pagar a mão de obra, a gente trocava com nosso compadre, eram dois dias de trabalho nosso, na cisterna dele como servente, pra ele vim um dia de trabalho na da gente, e assim terminamos nossa cisterna de 8 mil litros. Aí as coisas melhoraram muito, um sonho realizado, muita alegria mesmo”. A cisterna grande veio depois, em julho de 2013, conquistada através do Programa Cisternas, coordenado pela ASA (Articulação Semiárido Brasileiro). Com o advento da cisterna maior, Dona Maria Francisca pôde realizar outro sonho que foi o de criar galinhas e por fazer o plantio de verduras. Com essas atividades a família tinha outra fonte de renda, além do roçado.



Maria Francisca (Dona Francês)

O dinheiro com a venda dos animais e da verdura era dela e ela decidia o que fazer. E a promessa de Dona Maria se cumpre até hoje, quando ela nos relata que quem precisar pode pegar a água da sua cisterna quantas vezes quiser. A escola era assunto diário no lar de Dona Francês e seu José Emídio. Eles se interessavam em saber como tinha sido o dia na escola dos filhos e o que eles aprenderam. À noite, sempre depois do jantar, os filhos se reuniam na mesa da cozinha para fazer as tarefas escolares. Os mais velhos ensinavam os mais novos e a Dona Francisca sempre ao lado deles.

Os meus filhos são o meu orgulho, todos bem criados, formados, uma professora, outro estudando para o concurso da polícia. Todos bons pra nós. Tenho meus netos. Acho que soube criar, mesmo sem estudo. Dona Maria Francisca diz ser uma mãe feliz e se orgulha de ter sido uma boa professora. “Olha, menina! Eu sou uma boa professora, uma professora da vida e sempre ensinei aos meus filhos: A DISCIPLINA VEM DE CASA, A EDUCAÇÃO VEM DE CASA. A escola ensina a ler e não a ser educado. Primeiro tem que respeitar os pais pra depois respeitar os professores.”